

Sôbre a Mõça Fantasma

28/12/67

RUBEM BRAGA

II

BEM, aquela madrugada — havia mais alguém na mesa, talvez a mulher chamada Jesus, ou a simpática e hoje defunta Alzira Caolha, ou a suave Leo? — apareceu um chofer-de-praça muito espantado contando a história. A mõiça loura tomara seu carro no centro e mandara tocar para o bairro da Serra. Como as ruas estavam vazias, ãle foi a tãda velocidade, e se lembra de ter visto a mõiça — vestida de branco, linda, com tranças louras — mais de uma vez, pelo espelhinho do carro.

— Rua do Chumbo que a senhora disse? É esta aqui. Que número?

A mõiça não respondeu porque a MÕÇA NAO ESTAVA NO CARRO. Ele voltou para ver se a encontrava em alguma parte, caida pelo caminho. Nada. E as duas portas de trás estavam perfeitamente fechadas.

Ouvimos tãda a história, houve quem fizesse perguntas, quem se espantasse, quem desse de ombros; Orlando tomou notas tranqüillamente, e deixou na mesa do secretário, no dia seguinte, a história da Mõiça Fantasma, já com uma ilustração feita pelo desenhista do jornal. No outro dia me mandaram atender a um senhor de meia-idade que queria falar com um redator; era um major aposentado da Fôrça Pública; vira a Mõiça Fantasma no seu jardim; ela lhe fizera um sinal, sorriu e sumira. Na outra noite apareceu a duas irmãs solteironas, debaixo de uma mangueira; e logo começou a circular, com seu longo vestido branco, suas tranças louras e seu sorriso triste por todos os bairros de Belo Horizonte, pobres ou ricos; essa visão de beleza apaixonou a cidade e, calhando uma lua-cheia, começou a ser vista de tal maneira que a gente muitas vizes tinha de refugar uma testemunha: «meia-noite e meia no Calafate não é possível, minha senhora; precisamente a esta hora ela foi vista na Paraúna por três pessoas, inclusive um alto funcionário da Secretaria das Finanças; não podemos publicar sua história».

Drumond, creio que a viu apenas uma vez, quis se fazer seu íntimo, e, como não conseguiu, fez o que poetas costumam fazer: um poema. E o nosso Oriando? Bem, alguém teve a idéia de mandá-lo fazer reportagem em um terreiro de macumba; ãle foi e, evidentemente, não voltou mais. Aderiu, casou-se com a mãe-de-santo, ficou espantosamente magro e, como ainda se usava naquele tempo, morreu. Nós ficamos por aqui, e engordamos com certo remorso. (Menos o Drumond, que persiste poeta e magro.)

DN 28. 12. 67